

## **MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: DAS *EXPERIÊNCIAS* CORPORAIS NA INFÂNCIA<sup>1</sup>**

**Nunes Vieira, Prof. Carmen Lúcia**

**Universidade Federal de Santa Catarina, Universidad de Valladolid, CAPES,  
Prefeitura Municipal de Florianópolis**

O texto trata de uma pesquisa cujo objetivo é investigar os lugares sociais das experiências corporais na infância na formação (subjetividade) de professores atuantes na Educação de crianças. Entrevistamos seis professoras, atuantes na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis/Brasil, investigando em suas memórias o lugar dessas experiências na formação. As narrativas apontam: 1) O espaço das cidades – modificações urbanas – implica em ser criança; 2) A Inversão no tempo-espaço das experiências corporais infantis: antes casa, agora escola. Concluímos que as experiências vividas na infância, rememoradas nas entrevistas, apontam para a construção de uma identidade, dizendo da criança de ontem ser a professora de hoje, e o inverso.

### **Objetivos e Propósitos**

A pesquisa tem como principal objetivo investigar os lugares sociais de experiências corporais na infância na formação de subjetividades de professores/as atuantes na Educação de crianças pequenas.

### **Memória, Narrativa e Identidade**

O que lembrar? O que esquecer? A quem contar nossas histórias? Quem quer ouvi-las? Mas, também, para quê contá-las? E, ainda, se contá-las, como fazer isso sem

---

<sup>1</sup> O trabalho conta com apoio do CNPq (auxílio pesquisa ao Programa Teoria Crítica, Racionalidades e Educação IV) e da CAPES (bolsa de doutorado sanduíche).

que sejamos desconexos, desleixados com os fatos, com o passado, com os sujeitos que a integram? Estaríamos, simplesmente, advogando por uma história que não faz sentido aos demais, a não ser a nós mesmos? Depois de contá-la deixará de ser a minha história e se tornará coletiva, de domínio público?

Esses são apenas alguns dilemas, dentre tantos outros, que podem surgir no ato de rememorar e de contar histórias. Para narrar é preciso recorrer à *memória*. Mas se esta é ancorada no passado e é sempre relatada no tempo presente, por isso contém os sentidos decorrentes das experiências do sujeito que narra, sempre interconectadas ao tempo e ao espaço, tanto do presente quanto do passado (Otto, 2012). Para Portelli (2004) essa relação com o tempo é primordial na narrativa, pois nela está contida tanto a possibilidade de preservar o narrador do esquecimento, quanto a construção de sua identidade. Assim a construção da identidade tanto individual como coletiva pressupõe uma amarração com a *memória*, ou podemos dizer, se dá, também, por via da *memória*. Isso nos interessa neste trabalho, já que pensamos que as memórias das experiências corporais na infância podem ter eco na construção da identidade pessoal, que é também profissional, do/as professores/as (Nóvoa, 1995).

Consideramos o que sugere Halbwachs (2006), segundo o qual a *memória* não é individual, mas, sobretudo, social e coletiva. Pollak (1989, 1992), ao tecer críticas a Halbwachs, alerta o caráter homogeneizador da *memória* coletiva, oficial, legitimada pelo Estado. Há tensões e disputas que ocorrem pelo que se contar, pelos fatos que seriam históricos e pela narração, para o *enquadramento da memória*. Ainda para o que seria “memória herdada” (Pollak, 1992, p.201), a qual faz alguém se identificar com um passado que não viveu, mas “herdou” por meio da socialização política ou histórica. Alvo de negociações, a memória é disputada e demanda trabalho. Para Bosi (1983, p.17) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

## **Sobre a Possibilidade das *Experiências* (Corporais) na Infância**

Para Benjamin (1985) há na brincadeira infantil uma dimensão da experiência e uma grande possibilidade de experimentar a liberdade. A experiência infantil se

apresenta por uma determinada capacidade *mimética* de experimentação. As crianças, repletas de comportamentos miméticos, não se restringem, ou se limitam de modo algum “à imitação de pessoas”. Pois “A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem”. (Benjamin, 1985, p.108).

## **Metodologia - *Um pouco de História Oral***

Tomamos como objeto a Educação Infantil da RMEF. Seleccionamos como fontes 06 (seis) entrevistas de professoras<sup>2</sup>, (regentes e/ou auxiliares de sala) atuantes na Educação Infantil na RMEF<sup>3</sup>, entre 25 e 37 anos. Os sujeitos foram selecionados entre aqueles que, quando crianças, frequentaram instituições de Educação Infantil.

As professoras foram convidadas a evocar as memórias de sua infância, principalmente referentes às experiências corporais. Recorremos à *história oral*. No processo de entrevistar pessoas produzimos fontes para a pesquisa, fazendo com que o rememorar ofereça liberdade ao aspecto emocional (Otto, 2012). Partimos da premissa segundo a qual as professoras são pessoas reais que vivem e experimentam seus sentimentos e é dessa forma que se constroem pessoal e profissionalmente. Apreciamos suas memórias de maneira que se pudesse mais bem compreender questões envolvidas no processo de formação do sujeito. Produzimos alguns resultados, oriundos de apreciações preliminares, organizados a partir de aspectos reincidentes na própria fala de uma mesma entrevistada e/ou nas das demais. Contudo, temos em conta que para construir um procedimento narrativo é preciso nos enxergamos entre os outros e colocar “o tempo em nós mesmos e nós mesmos no tempo.” (Portelli, 2004, p.313).

### **1) O espaço das cidades – modificações urbanas – implica a infância**

Nas falas encontramos questões que indicam outra organização dos espaços [urbano] das cidades em décadas atrás (1980-1990), época de suas infâncias, o que se relaciona com ser criança nesse momento social, ou seja, os espaços das suas infâncias

---

<sup>2</sup> Todas entrevistadas são do sexo feminino. Mas é preciso lembrar que pretendemos coletar mais algumas entrevistas, até totalizar 10 (dez). Historicamente são as mulheres que têm se ocupado da educação das crianças.

<sup>3</sup> Na EI da RMEF, atuam três professores com cada grupo de crianças: um professor/a regente e outro auxiliar de sala, responsáveis por um grupo específico de crianças, além de um professor/a de Educação Física que atua com diferentes grupos da Unidade Educativa.

não só interferiam, mas também, modelavam o seu jeito de *ser* criança. Destacamos fragmentos das narrativas que relembram as experiências (corporais) infantis fora das instituições escolares:

A minha rua era só a minha família, também, então todos eram meus primos ali na rua. Era uma rua que não era calçada, era uma rua que era de pedra e lama enfim. A gente brincava muito de correr e subir naquele morro. [...] desde pequena até uns dez anos, depois as coisas foram mudando e a rua foi crescendo. Foram construindo casas, e acabando com as nossas brincadeiras. (Prof. Karla<sup>4</sup>, 31anos).

Esconde-esconde, pega-pega, bate-lata, muita corrida, muita brincadeira na rua, muito amigos, era muita gente, era muitas crianças juntas. Hoje em dia já é diferente, as crianças ficam mais em casa no computador, televisão. Segurança era outra, antes era tudo nativo, agora não. [...]. Liberdade. Isso liberdade, à vontade. Brincava muito na rua. [...] Ah! A praia. A gente ia pra praia também. Ia brincar. Tinha pescador na época todo mundo conhecia todo mundo. Era diferente. Hoje em dia não dá pra deixar nossos filhos brincar na rua, porque tu não conheces aquela pessoa que está lá na praia. Mas antigamente todo mundo conhecia. Eram nativos. Quando chegava tal horário diziam: “vai pra casa que tua mãe está chamando”; “vai fulano é meio-dia, tá na hora de almoçar”; “tá na hora de ir pra escola”. (Prof. Vânia 37anos).

Nos fragmentos encontramos a referência a um espaço e a posterior urbanização. O espaço era determinante na vida das crianças. Alude a uma infância com relações familiares, de vizinhanças consistentes. Crianças mais livres para escolher como e onde brincar. Todas brincavam muito “na rua”, já que o espaço era familiar e a segurança garantida. Já hoje com o espaço modificado há outra infância. As crianças seriam diferentes, porque as cidades as obrigam a ser. Não podemos negar as conformações que o espaço social exerce nas possibilidades das experiências (corporais) infantis.

Mas, as narrativas também revelam que mesmo ancoradas no passado, estão sempre relatadas no tempo presente, e contêm os sentidos decorrentes das experiências do sujeito que narra – adultas e professoras com concepções do que é, ou deveria ser, a *infância* –, sempre interconectadas ao tempo e ao espaço, tanto do presente quanto do passado. Na relação com o tempo, que cada uma, ao rememorar sua infância, ao se relacionar com seu sentimento de identidade, tanto no âmbito individual quanto social,

---

<sup>4</sup> Os nomes são fictícios para preservar o anonimato.

vai se preservando do esquecimento e construindo sua identidade (Portelli, 2004, p.296).

## **2) A Inversão no tempo-espaço das experiências corporais infantis: antes casa, agora escola**

Outro ponto importante é a inversão entre o tempo-espaço das experiências corporais infantis, das brincadeiras, ao menos para as professoras: o que antes tinha espaço garantido em casa e nas ruas, hoje tem apenas a instituição de Educação Infantil como possibilidade. Boa parte das crianças frequenta a Educação Infantil desde muito cedo, com menos de um ano de idade, em uma jornada que, no contexto pesquisado, alcança 12 horas diárias. Leiamos um fragmento:

E o que eu vejo hoje de problemática no nosso contexto, é que eles não vivenciam o que eu vivenciei em casa. As crianças já estão aqui, desde muito cedo, sem essa parte toda de casa. Essas brincadeiras de casa, que eu tive em casa. Então assim: eu não posso ficar só com a minha metade da escola. [...] Eu tive uma vida fora da escola. Tinha outras oportunidades que as crianças, talvez, não tenham. Então como é que eu vou fechar pra eles uma coisa tão, que momento que eles vão brincar? [...] Eu vejo que hoje eu tenho que oportunizar isso pra eles. Porque eles estão aqui o tempo todo. Não é como eu que tive essa questão da família e da bagagem em casa. As crianças não têm. (Prof. Deise, 29 anos).

Para Deise é clara a inversão, ou a responsabilidade do espaço escolar em proporcionar ou suprir a deficiência das crianças em relação às experiências corporais, brincadeiras, que não podem ter em suas casas ou nas ruas. Sente-se responsável por desenvolver atividades que não sejam somente ligadas à escolarização.

Já outra professora deixa vir à tona suas alegrias e tristeza, é tomada por uma emoção ao relacionar suas experiências infantis, com sua atuação docente:

Porque eu frequentava só meio período. Então eu ficava meio período em casa com a mãe, ou na casa da minha avó, que a mãe trabalhava, também. Então eu tinha toda uma infância fora dali, também. E aí teve uma mistura, mesclou as coisas, entendeu. Então dava pra levar e trazer com mais tranquilidade a infância. Eu agradeço por isso. Por não ter que ficar em uma creche o dia

inteiro. E tido toda essa experiência de Ed. Infantil e de infância. E deve ser muito diferente do que as crianças que hoje ficam o dia inteiro. Porque por mais que as professoras tentem passar isso pra eles, a infância pra eles, ainda é muito pouco. Porque é uma demanda muito grande pra uma professora fazer isso. Não tem uma qualidade. Era diferente na época. (Prof. Karla, 31anos).

Fala, ainda, que “se sente frustrada” porque as crianças atualmente não terem oportunidades de experimentar as relações e sensações que fizeram parte de sua infância. Rememorar é relembrar alegrias e tristezas, despertar emoções. “É acima de tudo, vida, conecta as pessoas ao tempo, o que faz com que se sintam vivas ao rememorar aquilo que teve significado em suas vidas.” (Otto, 2012, p.42).

As narrativas ao indicar essa suposta inversão do tempo-espaço para as experiências (corporais) infantis confirmam, que a concepção de Infância e Educação Infantil, e as práticas pedagógicas nas instituições, são expressão de um tempo histórico, e dizem sobre a complexa relação, tão atual, ao menos no Brasil, escolarização x não escolarização na Educação Infantil.

## **Notas - Conclusão**

Conjeturamos que as narrativas das professoras revelam pontos que reforçam que as lembranças são forjadas em um contexto social e expressão de um tempo, que “a memória é fenômeno coletivo” (Halbwachs, 2006). Mas, também, as experiências individuais, de cada uma, relações vividas, instituições frequentadas, questões geográficas entre os ditos e o “não dito” (Pollak, 1989, 1992). As experiências vividas na infância, rememoradas no momento das entrevistas, apontam para a construção de uma identidade, quer individual, quer coletiva, das professoras, ao contarem algo sobre a criança de ontem ser a professora de hoje e/ou seu inverso.

## **Contribuições deste trabalho**

Amplia o entendimento de questões que dizem respeito aos lugares sociais das experiências corporais da infância na formação da subjetividade de professores/as que atuam na educação das crianças. Ao lidar com a rememoração das professoras, contribui



com o registro da memória da profissão docente, podendo também subsidiar novas pesquisas que abordem o histórico dessa profissão.

### **Referências:**

- Benjamin, W. (1985). *Obras Escolhidas. vol.1: Magia e técnica, arte e política*. (Trad., Paulo Sérgio Rouanet). São Paulo: Brasiliense.
- Bosi, E. (1983). *Memória e sociedade: lembranças de velhos (1ª reimpressão)*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor Ltda.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. (Trad., Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro.
- Otto, C. (2012). *Nos rastros da memória*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212.
- Portelli, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, 15(4), 13-49.
- Portelli, A. (2004). “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: Fenelon, D. R. et.al (Org.) *Muitas memórias, outras histórias* (pp. 296-313). São Paulo: Olho d’Água.